

mantidas por pagamentos anuais acrescidos de doações voluntárias de jóias. A Santa Casa de Misericórdia dispunha de receitas provenientes do aluguel de imóveis, heranças jacentes, legados, foros, anuidades, direitos sobre o vinho e sobre navios. Um lugar no seu Conselho de Administração era disputado, acirradamente, por homens de famílias respeitáveis, levantando eternas suspeitas no governo de que existia ali malversação de recursos e sonegação de impostos.

Fonte: Santa Casa de Misericórdia, *Ofícios e documentos diversos, 1771-1824*.

Maria José Nogueira Pena (1901-)

Uma das primeiras deputadas estaduais de Minas Gerais.

Nasceu a 4 de dezembro de 1901 em Piumhi (MG), filha de Elódia Nogueira de Sá e de José Nogueira de Sá. Fez o curso secundário no Colégio Sagrado Coração em Belo Horizonte e formou-se pela Escola Normal Baeta Neves de Ouro Preto em 1920. Professora, casou-se com o político mineiro José Ribeiro Pena e foi viver em Itapeçerica, no interior de Minas Gerais, voltando para a capital mineira em 1942. Ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) no final dos anos 50 e foi eleita deputada estadual em 1962. Compartilhou o pioneirismo de ter sido uma das duas primeiras mulheres a ocupar uma vaga na Assembléia mineira, ao lado de Marta Nair Monteiro*.

Maria José foi reeleita para o mandato seguinte, permanecendo na Assembléia Legislativa de 1963 até 1971. Como representante do PTB, ocupou a terceira secretaria e a vice-presidência da Casa. Participou de diferentes comissões durante esse período e, com a extinção dos antigos partidos políticos e a instauração do bipartidarismo pelo regime militar em 1965, passou a integrar os quadros da Aliança Renovadora Nacional (Arena). Maria Pena foi a primeira e única mulher, entre 81 representantes, a assinar a Constituição do estado, promulgada em 1967.

Fontes: Assembléia Legislativa de Minas Gerais, *Dicionário biográfico*; Maria Claret Carneiro Barbosa, *A participação da mulher na história de Minas*; Entre-

vista de Maria José Nogueira Pena concedida a Jovita Levi Grinja em 13.10.1999.

Maria José Salgado Lages *ver* LILI LAGES

Maria José Vilas Boas de Siqueira e Mesquita *ver* BARONESA DO BONFIM

Maria Josephina Matilde Durocher (1809-93)

Parteira, escritora e abolicionista.

Nasceu a 6 de janeiro de 1809 em Paris, França. Era filha da costureira e florista Anne Niccolli Colette Durocher, que nunca revelou a paternidade de Maria Josephina. Aos sete anos, veio com a mãe para o Brasil no navio a velas *Dois amigos*, desembarcando no porto do Rio de Janeiro em agosto de 1816.

As modistas estrangeiras não eram vistas com bons olhos pela sociedade da época; entretanto, Anne contou com a ajuda de membros da colônia francesa e abriu uma pequena loja na rua do Ouvidor. Logo prosperou pois tinha tino comercial e era extremamente gentil no trato com as clientes. Maria Josephina cresceu nesse ambiente, ajudando sua mãe na administração do negócio e na confecção das roupas. Recebeu a educação elementar em sua própria casa, indo depois estudar em escolas particulares, onde aprendeu o alemão, o inglês, além de noções de história e geografia.

Vivia maritalmente com o comerciante francês Pedro David quando, em 28 de novembro de 1829, sua mãe morreu e a vida de Maria Josephina começou a passar por uma verdadeira reviravolta. A loja entrou em decadência e, apesar de todo o seu empenho, acabou perdendo o estabelecimento, sendo obrigada a saldar as dívidas com os estoques de tecidos e armário. Seu primeiro filho, Vicente João Francisco, nasceu em 19 de julho de 1830, sem ter sido reconhecido pelo pai. Em agosto do ano seguinte foi despejada de sua casa e, em dezembro, nasceu seu segundo filho, Humberto David, este sim legitimado. Seu companheiro Pedro David foi assassinado em julho de 1832 ao ser confundido com um comerciante português que morava na mesma rua.

Aos 23 anos, viúva e com a responsabilidade de criar os dois filhos pequenos, Maria